ARLEQUIM
DEZEMBRO
DE 1927
DIA 1º
Nº 4
1$

BREVEMENTE
A CASA
MAIS LUXUOSA
DE S. PAULO
A Capital

REVISTA DE ACTUALIDADES

PUBLICA-SE ÁS QUINTAS FEIRAS, EM SÃO PAULO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua Libero Badaró, 28, 3.º andar, sala 14

CAIXA POSTAL 3323

PHONE CENTRAL 1.0.2.4

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

Por anno . . 40$000

Por semestre 22$000

Numero avulso 1$000

GERENTE

Americo R. Netto

DIRECTORES

Sud Mennucci

Mauricio Goulart

Americo R. Netto

ILLUSTRADOR

J. G. Villin

COLLABORADORES:

ALBA DE MELLO (SORCIERE), MARIA JOSÉ FERNANDES, MARILÚ, AMADEU AMARAL, VICENTE ANCONA, RICARDO DE FIGUEIREDO, RAUL BOPP, GUILHERME DE ALMEIDA, SILVEIRA BUENO, FRANCISCO PATTI, J. RAMOS, EDMUNDO BARRETO, RUBENS DO AMARAL, PERCIVAL DE OLIVEIRA, MELLO AYRES, THALES DE ANDRADE, CORRÊA JUNIOR, BRENNO PINHEIRO, CLEOMENES CAMPOS, AFFONSO SCHMIDT, GALVÃO CERQUINHO, MERCADO JUNIOR, MARIO L. CASTRO, MARCELLINO RITTER, THEOPHILO BARBOSA, JOSÉ PAULO DA CAMARA, LÉO VAZ, ETC.

RODRIGUES DE ABREU

Morreu o suave cantor da amargura. No emporio do Noroeste, onde se juntam as tres grandes linhas de penetração do Estado, na cidade — creança, surgida hontem, cheia de claridade e de movimento, esfervilhante de negocios e de transacções commerciaes, em Bauru, fechou os olhos para sempre, em plena mocidade, o Leopardi brasileiro, o poeta que fez um poema do seu mal e diluiu o fel que o seu organismo distillava em canções de ternura e de melancolia.

Nascido em Capivary, na terra do maior poeta contemporaneo, apoderou-se do seu corpo debil a "deusa dos olhos taciturnos", aquella terrivel apaixonada que não perdoa : a tuberculose.

E nos seus carmes dolentes, compostos na sua maioria já sob o jugo da traiçoeira molestia, não explode nunca o grito lancinante da colera nem a convulsão espumante da revolta. Resignou-se ao seu destino. Amparava-o a doce e commovida lembrança de sua Mãe :

"... nestes dias infindaveis de molestia,
sinto quasi alegria
ao pensar que você morreu antes de eu ficar doente".

E sustentava-o a bondade infinita dessa irmã que cuidou delle, durante toda a longa e atroz enfermidade, com o affecto e o carinho de um anjo. Foi por ella que exclamou :

"Vou rasgar o papel em que puz estes versos.
Sinto o riso de minha irmã que vae entrar...
E eu não quero que a minha irmã
tenha vontade de chorar !"

Morreu levando para o tumulo um supremo desconsolo : o de reconhecer que a sua exquesita e extranha sensibilidade lhe vinha do tremendo mal que o victimou e não de uma especial conformação de seu temperamento. E no seu pudor pelo envilecimento da carne, que elle não desejaria denunciar aos outros, ficou-lhe um travo de magua inenarravel :

"Já perdi a belleza de soffrer.
Minha tristeza vem deste mal physico.
Foi-se o bem de ser doente sem saber...
Antes nunca soubesse que sou tisico".

Pobre Rodrigues de Abreu ! Como Moacyr de Almeida, como Paulo Gonçalves, pagaste o pesado tributo de ter alma grande demais para a fragilidade de seu envolucro. O corpo foi incapaz de a conter... E tu te foste antes que a tua obra, arrancada fibra a fibra de teu enorme coração, coasse no teu cerebro em filigranas de cruel emotividade...

Fausto
COISAS FINAS PARA SENHORES
PRAÇAS
PATRIARCHA, 135
ANTONIO PRADO, 7

Cerebro e Coração

Carta a uma bolchevista

Minha graciosa amiga

Deitei-me hontem sob a impressão de seu panegyrico ás theorias bolchevistas e de seu enthusiasmo pelo estudo em que o grande Ingenieros fez o elogio da Republica funccional na Russia... Dormi agitadissimo. Alta noite, acordei sobresaltado. Eu disse acordei. Não sei bem... Podia ter sido um sonho que me desse essa impressão. O caso é que me julguei desperto e abysmado: surprehendera o coração em animada palestra com o cerebro. Ha de pensar a minha intelligente amiga que seria uma conversa marcada por uma linha de fidalga distincção nos argumentos, como se convinha aos dois mais decantados organs que possuimos, um discretear assim de cousas ethereas e transcendentes, longe das mesquinharias e das rasteiras agruras terrenas. Pois não era. Palestravam sobre o Trabalho. Quando espertinei já o dialogo era velho e eu apenas alcancei este resto de prosa:

"— E tu trabalhas muito?

— Vinte e quatro horas, em media, por dia.

— Não pode ser. Isso trabalho eu e sempre ouvi dizer que o coração é a unica machina que não para. Em todos os tratados de physiologia se affirma que tu descansas quando o nosso amo dorme.

— Meu caro coração, eu tambem não tenho repouso, reiterou o cerebro. Para dizer toda a verdade, eu descanso um pouco quando o nosso amo trabalha.

— Homéssa! Ainda não perdeste a velha balda, meu amigo. Isso é paradoxo. Como podes descansar emquanto teu patrão trabalha?

— Mui facilmente: quando elle trabalha, de ordinario, faz sempre a mesma cousa, mexendo sempre com as mesmas circumvoluções. E' um exercicio que me custou a aprender, mas que actualmente, á força de treino, executo mecanicamente, até com o juizo a premio. Virou habito... Mas quando o amo descansa, fumando um cigarro, ahi é que são ellas. Começa de fazer mil planos, de architectar illusões, de fantasiar uma porção de cousas inuteis, que me poem tonto a acompanhar-lhes a marcha desregrada e zig-zagueante... São negocios com a namorada, beijos, caricias, gentilezas, passeios, arrufos... São negocios de dinheiro, dividas, cobranças, logros, ardis... Depois cuida da gloria, quer ter um nome citado no mundo inteiro, quer ser inventor, grande politico, "foot-baller" internacional, literato famoso... Parafusa peças contra os seus amigos, piadas com que possa brilhar na sua roda, intrigas para os seus desafectos, o diabo...

— Perfeitamente. Isso quando o homem está acordado. Mas quando elle dorme, tu entras em repouso, isso tambem é innegavel.

— Pilhería que os anatomistas inventaram. Quando elle dorme, é muitas vezes peor. De dia, ainda a luz amiga e bemfazeja do sol, lhe retem o bridão da fantasia e, si esboça pensar alguma sandice, abandona-a logo. Mas á noite, quando perdeu toda noção da realidade, não ha quem o segure. Pensa taes cousas extravagantes, inventa scenas tão impossiveis e inverosimeis, "arrasta sonhos", como elle proprio diz, tão absurdos e incongruentes que eu, ao cabo de tamanha fadiga, não supporto mais a tortura e chamo-o á ordem, despertando-o.

— Diabo, volveu meditabundo o coração, — pensei que tua vida fosse mais folgada no alto daquelle lindo sobrado.

— A eterna ironia das cousas! Chamas ao craneo de sobrado só porque está no alto. Pois olha, meu amigo, que aquillo não passa de uma reles agua-furtada. Trabalho como um doudo. E sabes que mais? prefiro ver nosso amo triste ou melhor dominado por uma idea fixa, especialmente si for de politica...

— Porque?

— Porque assim elle pensa a mesma cousa e não me cansa. Vae dia e corre dia e o homem não larga da idea. Ganho, então, um dia de sueto. Mas si está alegre, lá vêm as novidades e as encommendas: pensa mil cousas e não chega ao cabo de nenhuma. Vivo a correr de uma circumvolução para outra afim de attender-lhe os chamados. Aquillo fica peior que um centro telephonico.

— De maneiras que te exasperas...

— E o trabalho, afinal de contas, seria o menos. O que me irrita é que eu aguento com os percalços das asneiras de todos os outros organs do corpo humano e recebo todas as injurias e todos os epithetos pejorativos que, de direito, deviam pertencer a elles. Si tu, meu velho amigo, arranjas uma lesão, já sei que serei della o mais provavel herdeiro, porque lesão cardiaca é motivo muito conhecido de loucura. Si meu amo se apaixona — um facto desagradavel, mas que nada tem que ver commigo, pois é isso producto de outros organs, como bem sabes — os amigos delle começam a dizer que está "com o cerebro molle". Comprehendes? o cerebro é que leva a fama. Si nosso patrão toma uma bebedeira, o que acontece com desoladora frequencia, — então eu pago pela lingua. E' uma balburdia infernal lá em cima: todas as circumvoluções chamam a um tempo, umas cantam, outras riem, outras choram, guincham, saltam, urram... Um charivari. Para serenar a desordem, acabo cheio de dores, que duram, ás vezes, dias inteiros. Já vês, meu grande coração, que não és o unico a aguentar vinte e quatro horas de trabalho consecutivo. Miserias todos temos.

— E' verdade. Pelo que me contas, amigo cerebro, soffremos ambos estupidamente... E não vejo meios de remediar a esses males... A proposito, não te deu ainda ganas de pedir a tua emancipação?

— Minha emancipação? Que vem a ser isso?

— Ora essa! Então, tu, um cerebro, não sabes o que é uma cousa que os homens de toda a terra estão pedindo ha uma boa porção de annos? E' a divisão dos dias em tres partes: oito horas de somno, oito de trabalho e oito de descanso. Bem se vê que és orgam pensante de um homem pouco dado ás altas cogitações sociaes. Como poderia um cerebro ignorar medida de tão largo alcance humanitario?

— Desconfio de que estás dizendo tolice. Eu só penso o que nosso amo quer e elle nunca seria partidario de uma tal idéa nem a inscreveria entre as suas cogitações porque não é palerma. Elle dorme nove horas, descansa dez e trabalha cinco. Para que havia de pedir oito horas de trabalho?

— Mas afinal queres ou não tomar parte em nossas reivindicações?

— Quero, pois só assim eu poderei aspirar a repousar um pouco de meu exhaustivo trabalho".

Não pude ouvir mais nada... Mas a conversa surprehendida fez-me hoje levantar de mau humor. Mando-lh'a na integra a ver si aproveita aos seus ideaes emancipadores.

De seu devotado

SUD MENNUCCI

RATINHA DE EXGOTO

(Na praça, depois de dois minutos de prosa.)

— Dá-me um cigarro, Timotheo.

— Um Abdulla?

— Oh! não me atrevia a tanto...

— E' que eu não fumo Abdulla. Eu uso fumo Veado, de pacotinho amarello, e mortalhas de Gaston d'Argy.

— Que ignominia, Timotheo!

— Talvez tenhas razão, meu caro Ramalho. Realmente...

— Parece-me que te aborreci. Garanto que não tive intenção...

— Realmente!

— Estava brincando...

— Olha, queres tomar um café?

— Vamos lá, Timotheo.

(No café, a uma das mesinhas do fundo.)

— *Garçon*, café para dois. — Então, o amigo Ramalho acha que é uma ignominia fumar do Veado, de pacotinho amarello... Entretanto, este pacotinho é tão commodo! Olhe, tiro uma porção de fumo, maior ou menor, conforme a hora, conforme o appetite; puxo por esta mortalha, arranco-a como quem arranca uma pequenina pagina inutil do livro da vida, enrolo nella este punhadinho de tabaco desfiado, ponho-lhe fogo... e... *fuuu*!... fico a olhar a fumaça que sobe e que se dispersa...

— Quanto a isso de soltar a fumaça e ficar olhando, não é só com o Veado que se pode fazer.

— De facto. Mas ha uma differença: é que eu o faço unicamente para isso, ao passo que tu' fumas os teus Abdullas, Sakelarides, etc., só por fumares Abdullas e Sakelarides, para teres entre os dedos um cigarro fino, adocicado, caro, e da moda. Accresce que, a mim, o unico cigarro, que vejo queimar com prazer, é este. Tirem-me o Veado, e tiram-me o vicio.

— ...

— Não ha outro. Nenhum outro.

— Ora, esta.. Vejo que estás commovido, Timotheo! Ora, esta... Mas que diabo disto é aquillo, ó seu Timotheo!

— Não ha outro.

— Mas...

— Quer que lhe conte? Eu tinha dezoito annos (porque posso garantir-lhe que já tive dezoito annos), morava no Rio, frequentava uma roda horrivel de bohemios machos e femeas. Um dia, conheci uma menina — uma criatura ordinarissima, uma ratinha de exgoto, uma vesicula variolica da cidade. Eu era um bruto, um palhaço, um bicho sem alma. A bohemia, a minha roda de bohemios, todas as rodas de bohemios da terra me acclamavam o mais feroz, o mais divertido e o mais grotesco dos bohemios.

— Isso é conto.

— Não crês? E' o mesmo. Encontrei-me um dia, ao acaso das troças e disturbios, com essa menina sem graça, sem belleza, e sem coração. Uma bebedeira, um capricho, uma luta a copos e garrafas num botequim de marinheiros, de contrabandistas e de rufiões — e, no fim, eu, na rua, sózinho, ás tres da madrugada, a rebocar a minha pobre amiga, que eu não amava, nem queria. Sympathizou commigo. Não sei se gostou do meu cynismo, ou da minha fachada, que naquelle tempo era menos má. Depois, encontrei-a outras vezes, na mesma zona. Quando dei accôrdo, tinha-se-me agarrado, como um carrapicho que se leva na roupa, de passagem pela macega. Protestei contra o seu desmazelo: tratou de se alindar... e começou a procurar-me com maior insistencia. Reclamei contra as suas maneiras desconjuntadas e réles: tratou de se emendar, emendou-se... e entrou a procurar-me todos os dias.

— Uma paixão, emfim.

— Da graúda. Para encurtar: a paginas tantas, adoeceu. Coisa do peito. Levei-lhe o medico. Dei-lhe todos os remedios. Para arranjar os meios, acabei por me empregar. Isso durou mezes. Afinal, morreu. E, quando morreu, morreu quasi bonita, — parecia impossivel! — morreu bonita, muito branda, muito leve, muito fina, com um sorriso delgado e virginal de criatura renascida. Era outra. E eu, tambem, era outro. Completamente outro. Pela primeira vez conheci a gravidade, o recolhimento e a ternura.

— ... Mas isso é sério, Timotheo?

— Como tudo quanto ha de sério.

— Mas, agora, que é que tem com tudo isso o fumo Veado?

— Por emquanto, nada. Escuta. Larguei o Rio, larguei a bohemia, larguei a vadiação e a troça, vim

para esta nossa terra, tratei de encaminhar-me na vida... e cheguei a esta pacifica posição que estás vendo, — pequeno proprietario e empregado publico. Meu pae, que morreu ha dezoito annos, fez tudo para que me casasse. Minha mãe, que morreu ha cinco, punha-me no caminho todos os laços e urupucas matrimoniaes que podia. Minhas irmãs indicavam-me cada semana um partido inexcedivel. Levaram-me a bailes, introduziram-me na sociedade. Fizeram-me até viajar, para conhecer meninas e viuvas. Fui requestado por duas ou tres damizellas bonitas e graciosas, — uma clara e breve, uma trigueira e forte, uma pallida e sentimental... Não pude. Não pude de todo. Nunca encontrei uma carinha que tivesse o sorriso dolorido e reconhecido de Amanda, aquelle sorriso de meiguice enlaçante e magoada, aquelle sorriso-flôr, aquelle sorriso-gotta d'agua, aquelle sorriso-recompensa, inconfundivel, indefinivel, indescriptivel, que me entrou na alma durante seis mezes, que a perfumou, a amolleceu, a revolveu, a tocou em todas as suas dobras, que me deu a conhecer, com a doçura da lagrima e a ansia do desespero, a volupia da minha primeira e unica obra de arte.

— Mas , o fumo?

— Muito simples. Nesse tempo, eu, pobre bohemio sem mesada, sem emprego e sem vergonha, fumava Veado, porque era muito barato e sahia ainda mais barato do que custava, pois eu podia regular á vontade a grossura do cigarro. Muitas vezes reparti com ella o meu pacotinho. Muitas vezes, nas meus dias amargos de bohemio sem vintem, almocei e jantei cigarros de fumo Veado. Toda a minha historia com Amanda correu entre nevoeiros de fumo Veado. Contrahi com isso o meu habito mais tenaz, — um habito feito, hoje, de saudades, de remorsos, de obsessões doces e dilacerantes, da infinita tristeza de um nunca-mais que me purifica e me aniquila... A minha vida inteira teve o seu pinaculo na hora em que a minha ratinha de exgoto morreu sorrindo nos meus braços. Tudo o mais que se seguiu são ondulações que se prendem, num rythmo decrescente, a essa altitude remota... Impossivel esquecer.

— Mas, que diabo! isso tudo é verdade?... Estás chorando, Timotheo?

— Alto lá! Bem vê que não estou chorando. Então eu sou homem que chore! "Garçon", outro café; mas bem quente!

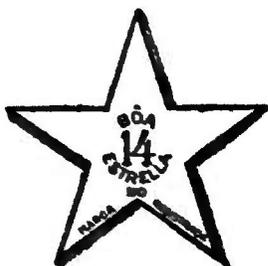
(Uma pausa. Sorve-se o café em silencio. Timotheo saca do seu pacotinho de fumo.)

— Portanto, o amigo Ramalho já sabe porque é que eu prefiro fumar desta ignominiosa maneira.

— Mas, ainda não voltei do meu espanto, Timotheo! Então, isso tudo é mesmo verdade?...

— Veja lá como eu estou mestre em fazer os meus cigarros. Sou capaz de os enrolar com uma só mão. Aqui está o fumo, vê? Agora, arranco a mortalha, — mais uma pequenina pagina inutil do livro da minha vida — ponho-lhe o fumo, estendo-o, enrolo... Está vendo? Prompto... Dá cá o fogo... *fuuu*!... Olha essa espiral que se esgueira por cima de todo esse borborinho, de todas essas cabeças... Olha, olha, lá vai ella... Acabou-se. — Moço, cobre aqui quatro cafés. Jesus, estou na horinha do meu bonde! Ande com isso, ó funccionario!

Amadeu Amaral

ARIEAVIM

DIRECTORES:
SUD MENNUCCI
MAURICIO GOULART
AMERICO R. NETTO

PUBLICAÇÃO SEMANAL EM SÃO PAULO

ANNO I 1 DE DEZEMBRO DE 1927 N. 4

CEREBRAL

Não, não. Caluda! Sei do que me vais dizer. Não fales. Disseram-se isso de sobra, as tuas acções e os teus olhos. Caramba! Não achas que baste? Não? Acho, o eu. E é o sufficiente. Despotismo de mulher? Seja. Deixa-te de palavras vãs. Nada adiantariam. Destruiriam. Por melhor que as pronunciasses, não chegariam nunca ao que dás a suppor. Tens medo do que vou dizer, já sei. Não tremas nem empallideças. Os homens têm ainda essa desvantagem: empallidecem ou coram. Falo de homens. Repara que isso não é para todos. Muitos pensam que o são, mas estão longe... Cuidado, lingua viperina. Deixa essa gente em paz, e não leves a riso o rubor masculino, quando do feminino já houve que dissesse que só está no carmim. Mas, e eu te pedia... Ah! que não falasses. Sei que me estás a queimar uma declaração d'amor. Interessante ouvil-a. Doçuras que embalam... Enganos que adormecem... Illusões... Não. Não digas nada. Deixa-me viver de uma infinidade de cousas que a minha imaginação crêa, e que, trazidas ao real, minguariam de vulto. Deixa-me crear, no silencio. Tudo o que imagino é sempre muitissimo mais bello do que o que vejo. Assombraste? Não me sabias assim? Pobrezito! Eu, com franqueza, não era... não sou, talvez assim não serei precisamente... Tanto ouvi, porém, tanto me martellaram que, entre o encanto de suppôr e o que eu considerava e encanto dc realizar, passei a adoptar aquelle e a ter receio deste. Bonito, não é? Está na moda. Ser cerebral! E só. Embora tudo penda para outro lado, embora a natureza grite que me liberte de tanta... Não achas que — crueldade — calharia bem aqui? Fica mais bonita, não? Crueldade — é um pouco antigo, mas... vá lá, que me liberte de tanta crueldade... Crueldade é dizer a verdade. Deve-se, então, dizer o que se não pensa. Dizer o que se pensa é pensar o que se sente... Mas sabe lá alguem o que é que sente? Vê se tenho geito para cerebral. Cerebral! Que vistoso. Que moderno. Fóra d'ahi só peiguices. Quando se pensa que se ama... Uhm! E' o cerebro, meu maluco, é só o cerebro. E' só o romance. Pura imaginação. Imaginas uma cousa. Cada dia ella cresce no teu cerebro. Não lutes por passar d'ahi. Enche a vida com fantasias. O resto... E' o resto. Parece que me queres fulminar! Por que? Não gostas de franqueza? Pensas que é engôdo? Já disse que timbro em ser moderna. Podes ameaçar-me. E' tão arcaico. Odiar-me? Tambem velho. Ri, ri com ironia. E' mais actual. Zomba de tudo. Nada leves a serio. Querer desviarme do que me propuz? Não é facil. Hei-de habituar-me a tão inebriantes theorias. Arranjar-lhes o qualificativo adequado. Se não o tens, de prompto, melhor. E' pretexto para que voltes. Volta. Se te pedi silencio ainda é razão para gabolice tua. Desagrado-te? Ouve, então o poeta:

"... Ha um rebramir medonho
na mudez em que te amo, em que te anseio e sonho..."

E no silencio:

"as lavas da paixão desabrocham em lyrios."

Que lindo! Olha, a moderna sou eu, a idéa do silencio velha. E o poeta, o sentimental falou por mim. Suffocas? Adeus, então. Vai. Voltarás mais calmo. Nunca mais? Assustas-me. Ora, por tão pouco! O odio deve ser como o amor. Puramente cerebral. Mastigaste alguma cousa desagradavel que não percebi. Então é bom que partas. Deixa-me com a minha nova fé. Não queiras destruir tão praticos principios. Fim seria se te houvesse permittido falar. Disso fujo eu que não sou tôla. Pelo menos evito que a vida me açoite com aquella "triste obrigação de desbotar..."

ALBA DE MELLO

MASCARA DE COLOMBINA

Os meus oito annos

Eu tenho oito annos e uma porção de brinquêdos.

O mundo inteiro não vale os meus oito annos e os meus brinquêdos.

Quando penso nos meus oito annos e nos meus brinquêdos, eu me lembro daquelle senhor alto e magro, que usa roupa escura e oculos amarellos e que costuma dizer a Papae uma porção de coisas contra a Vida...

E eu sinto uma grande vontade de fazer que aquelle senhor tenha oito annos e uma porção de brinquêdos como eu...

Natal

— Você nunca o viu?... E' um homem velhinho, tão velhinho que parece feito de algodão.

Todos os annos, pela noite de Natal, vae lá em casa, levar-me uma surpreza.

Quando accordo, na manhã seguinte, encontro sempre um brinquêdo novo no meu sapato.

Você precisa ganhar um brinquedo desses.

—E' verdade... Quer emprestar-me um sapato?...

Sabedoria

— Papae, é verdade que os animaes ja falaram?

— Já...

— Como a gente, Papae?...

— Sim; como a gente.

— E agora, por que é que não falam mais?...

— Por que? Ah! Porque estão pensando...

CORRÊA JUNIOR

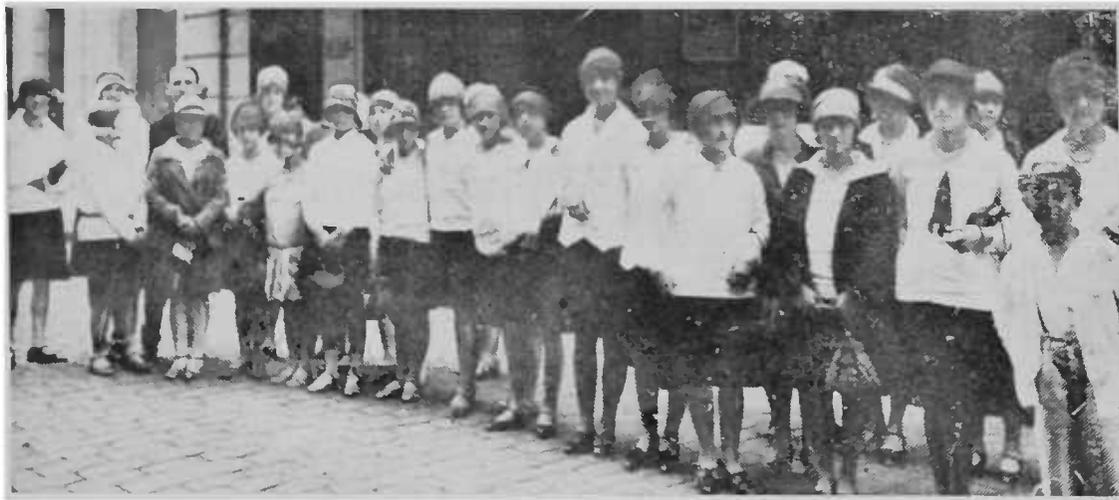
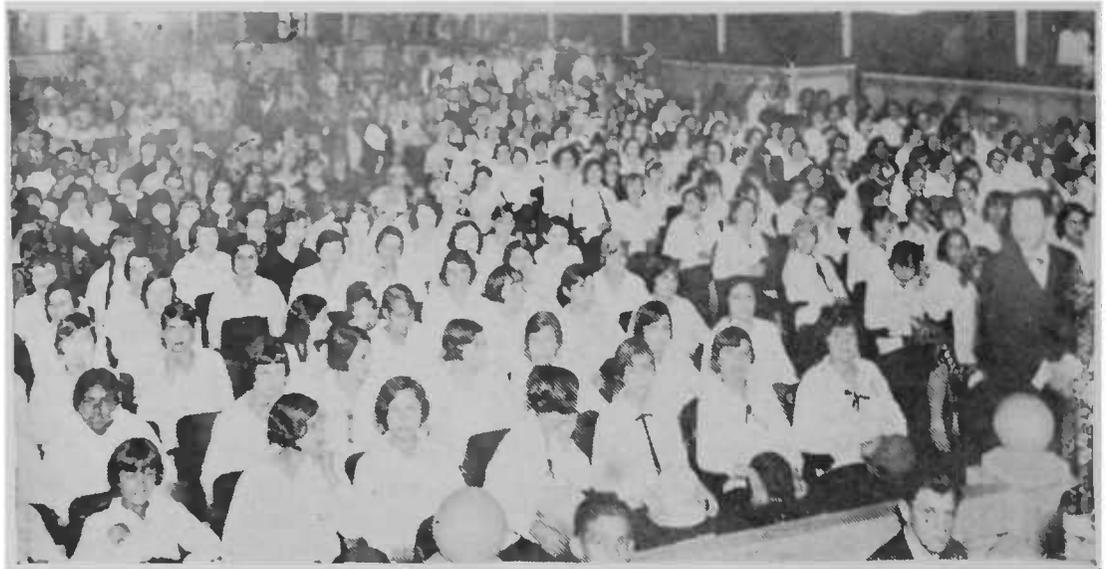
A sra. Noemia Nascimento Gama, no meio das suas discipulas, cultoras, a seu exemplo, da polyphonia verbal e da arte e sciencia da expressão.
E' um grupo de musicas, actrizes e cantoras, resumindo estes excelsos predicados no simples termo: declamadoras.

Serra dos Orgãos

Quando na vesperal quietude e morna,
de rosa e de ametysta o céo se adorna,
tenho a illusão de que caminhas bamba
de tedio, de tristeza e de cansaço,
aos turbidos vapores do mormaço
e á frouxa luz do Sol, que já descamba.
Como em busca de um têrmo e de repouso,
ao peso das corcovas, segues, lenta,
com o onduloso dorso azul-saudoso
polvilhado de nevoa esmaecenta.
E visto assim, na lassidão da tarde,
quando a terra em volupia já não arde,
teu vulto cresce no horizonte, e o invade,
qual fila enorme de camelos tardos,
que fossem, conduzindo almas de bardos,
em caravana, para a eternidade.

THEOPHILO BARBOSA

Aspecto do auditoiro que teve a ultima festa de declamação da sra. Noemia Nascimento Gama.

"O Dia da Musica" no Cine-Theatro Republica. No primeiro plano os elementos do orpheon do Conservatorio.

A' porta do cinema, mas não para ver ou fazer fita e sim para fazer e ouvir musica.

Um "close up" de alguns galantes elementos do orpheon do Conservatorio.

MISSA DE SÃO BENTO

Domingo. Manhan, São Paulo
é como uma flor de verão.
Calor. (Que barbaridade!)
Vou passear pela cidade
mettido num "Camarão"

Deve estar na hora da missa.
Neste caso eu tambem vou.
Mas, com desapontamento,
chego no largo São Bento
depois que a missa acabou.

Vejo duzentas pequenas.
Corro os olhos em redór
mas — devoção esquisita —
missa de moça bonita
fóra da egreja é melhor

Derramam-se sol e seda
de um estonteante esplendor.
E cruzam grupos alegres
de magras e "fausses-maigres"
se queixando do calor.

Passam bandos de meninas
sob o fulgor da manhan.
Umas, tão frageis e finas
me recordam qualquer coisa
das balladas de Rostand

A turca — minha princeza —
vae pra casa num "Packard."
Reza o Alcorão com certeza.
(Tenho paixão pelas turcas:
trazem Bosphoros no olhar)

Uma que vinha ao seu lado,
criatura transcendental,
é um typinho delicado.
O seu sorriso parece
com uma aurora boreal.

Com frufruguices de seda
passa indifferentemente.
E' a condessinha da graça.
Ai! Meu Deus. Quando ella passa,
machuca os olhos da gente.

Vem outra magra e dorida,
em direcção do Viaducto.
Toda de preto vestida,
como um poema fechado
num enveloppe de luto.

carrega reminiscencias
dos seus primeiros peccados.
Seus olhos, cheios de ausencias.
são negros como si fossem
dois infernos apagados.

Vae tudo embora. Que pena!
Eu tambem vou. Vou, porque
vem vindo a minha morena,
flor da Avenida Paulista —
passa e faz que não me vê.

Leve e fragil flor do sonho,
cabellinho de São João.
Rimo-lhe uns traços dispersos,
para pisar sobre versos
em vez de pisar no chão.

E, quando chegar em casa,
sem se lembrar quem eu sou,
encontrará nos sapatos
o vestigio destas rimas
e os versos que ella pisou.

R. B.

Festa de fim de anno no Collegio Baptista Brasileiro

Um grupo de hollandezinhas na Paulicéa, ri entre contente e saudoso, numa hesitação de branco e azul... Anno que finda, anno que vae começar, a vida é brinquedo ainda.

Ao lado dos mestres dedicados, sentam-se as que se despedem, entre flores, claras como as illusões que levam para a vida...

A infancia descuidosa e alegre tem no collegio um pateo de brinquedo. A vida abre-se toda num sorriso cór de de sól, num canto em que todas as notas são bemóes.

Á meninice que se fantasia por fóra. Por dentro, na alma, tudo lhe é uma perfeita e completa fantasia. Canta em todas ellas um poema de imaginação.

Cores que riem, em tecidos que se moldam flexiveis, enquadrando as galas ingenuas da belleza infantil.

OFFRANDE FUNE'BRE

A ton Ombre ces fleurs, ces fleurs pures et claires
car les fleurs sont Lumiére.

A ton Coeur qui sommeille, á tes yeux qui sont clos
cer les fleurs sont Repos.

A ta voix qui n'est plus qu'un peu du Souffle immense
car les fleurs sont Silence.

CHARLES VAN LEBERGHE

Parte da assistencia á festa, lembrando e revivendo á luz quente e loura da alacridade juvenil.

Os jovens violinistas que concorreram ao premio "Chiaffarelli" promovido pela "Tarde da Criança". Abaixo, os elementos da commissão julgadora.

ATÔA...

Chamava-se Luiz, Luiz não sei de quê.

Encontrei-o ha varios annos, pela primeira vez, encostado a um poste, não sei se contando as estrellas que brilhavam no ceo ou se esperando um bonde.

Alto, magro, cabellos loiros, olhos grandes e verdes a morrerem eternamente dentro das palpebras num espasmo de gozo, havia qualquer coisa de sublime na sua voz e nos seus gestos, quando tentava explicar alguma das suas theorias absurdas, cotucando o espaço com as mãos nervosas e finas.

Capaz de ir á blasphemia por uma phrase bonita, tudo na sua vida durava o tempo apenas de uma letra de cambio: sessenta, noventa dias.

Nesse periodo, arrefeciam os seus mais arroubados enthusiasmos, pelos quaes teria vencido todos os impecilhos.

Detestava os burguezes e tudo o que se parecesse com elles. Por isso, tinha raiva do sol — pontual como um inglez, virtuoso como um frade — da sociedade e das leis immutaveis da natureza. Desejava sinceramente que a terra desse, um dia, uma grande cambalhota, mandando ás ortigas Newton e a gravitação universal.

Hontem, encontrei-o pela ultima vez. Vestia sobriamente um jaquetão marron de abas largas, chapeo de palha, e gravata vermelha cor de sangue velho.

Barba escanhóada, havia uma tristeza parada nos seus olhos grandes.

Sem nem ao menos me dizer bôa-tarde(era de tardesinha, quando nos encontrámos, sentou-se ao meu lado na mesa do bar, e declarou logo, sem vaccilações:

— "Mato-me hoje"

Tive vontade de rir. Elle porem, sem me dar tempo para fazel-o, accrescentou:

— "Espere um pouco. Depois rirá com mais vontade. Mato-me e por causa de umamulher,como o faria qualquer imbecil".

— "Amores mal correspondidos ?" inquiri brincando.

— "Não. Desejo impossivel. Ha mezes encontrei uma mulher. Metti-a num altar para ter a sensação depois de possuir uma santa. Emprestei-lhe a ella todas as bellezas e encantamentos. Convenci meus olhos de que nunca haviam visto coisa mais bonita e convenci-me a mim proprio de que aquella era a mulher mais perfeita que já passara pela minha vida. Amei-a com toda a força e loucura dos meus vinte e trez annos, sem nem ao menos uma vez ter-lhe tocado na pelle macia e branca como arminho ou velludo."

Ahi elle fez uma pausa. Esticou para mim os olhos verdes, pediu ao garçon que lhe trouxessem um kummel e gesticulando quasi nada continuou:

— "Chegou o momento de possuil-a. Ou a terei agora ou nunca mais a possuirei".

— "E então?"

—"E' impossivel. Ella fez a tolice de casar."

Não me pude conter e soltei uma forte gargalhada. Elle olhou-me mais firme.

— "Escute e verá que tenho razão. Pensei antes em raptal-a, em leval-a commigo para longe. Era um dos meios. Mas é tragico, ridiculo demais. Ser seu amante em sua propria casa, na sombra do marido, é incommodo.

Os maridos, por mais cordatos que sejam, são sempre importunos."

— "E porque não a continua adorando platonicamente?"

— "Porque o amor não vive muito tempo dessa maneira. Morreria, um dia."

— "Ficaria uma saudade bôa, que faria bem a voce."

— "A saudade não conforta ninguem. Sinto-me tão feliz com esse amor, que não sou mais capaz de viver sem elle. Achar-me-ia pequenino se morresse.

O unico recurso é esse, matar-me. Resta saber de que geito. Mas isso arranja-se."

E matou-se. Hoje pela manhã, li nos jornaes que elle se suicidara mettendo na veia trez gramma de cocainas.

Chamava-se Luiz Luiz, não sei do quê.

V. V.

A ALEGRIA DE SONHAR

Pouco se me dá que não acredites em historias de fadas.

Contar-te-ei a minha por contar sem pretender mais que a tua attenção durante alguns minutos.

Pode ser, afinal, que isto te interesse. Que diabo! és moço, andas a fazer versos e, ao que me está indicando a tua pallidez indiscreta, pertences ao rol dos que ainda se enternecem com o luar e os crepusculos.

Oh! sim, bem se vê que és romantico. Ha nos teus olhos qualquer cousa que trae as tuas affirmações de homem pratico. Lembra-te do que escreveu certo poeta: "Os labios mentem; os olhos, não!" E' inutil a tua negativa. Vamos, escuta:

Isso foi ha muitos annos, não sei bem quando, nem em que logar... Que importam datas e paizes? O homem é o mesmo em toda a parte. Em todo o mundo não ha senão differenças exteriores e illusorias. A alma de um chinez pode ser neste momento o scenario das mesmas tragedias que se desenrolam no teu intimo. Só por orgulho quando não ignorancia, nos julgamos desiguaes em capacidade soffredora...

Isso aconteceu, pois, ha muitos annos, onde quer que fosse...

Eu andava então desilludido de todos e de tudo. Viera-me da terra uma noção apavorante de inutilidade. A vida se me afigurava um inferno. Não era influencia de leitura, aquillo: era a sensação proprio e consciente do ridiculo destino humana, sujeito ás contingencias quotidianas e irrevogaveis da materia. Era a decifração transparente e desoladora do miseravel problema, tantas vezes abandonado pelo terror do presente e do futuro. Doia-me como chaga viva cada hora decorrida. Uma noite, deitado de bruços sobre a minha cama, pensei até no suicidio.

Mas, como estás vendo, resolvi não suicidar-me... e fiz muito bem.

E' aqui que começa o conto de fadas. Peço-te agora mais attenção.

Mas, como hei de dizer-t'o claramente?

Imagina que eu me vi, de subito, num reino encantado, e que nesse reino eu tinha o mesmo sentido da existencia vulgar, o mesmo dom de penetrar a minha inferioridade e a estreiteza deste mundo.

Deante de mim, eu via, entretanto, naquelle recanto mysterioso, a imagem da Vida, differente, profundamente diversa da que me vivia no cerebro. Aquelle reino era de milagre e de paz. Deslumbrava-me. Todas as sensações maravilhosas que eu sonhara, ahi estavam plasmadas e occultas como offerenda que não encontra mãos dignas de recebe-la.

A felicidade existia?

Ia fazer esta pergunta, quando a sombra de alguem me respondeu, cariciosamente.

— A felicidade é o sonho. E' no reino do sonho que estás agora: e por isto a vida se te assemelha tão bella e tão perfeita. Lá fora tudo é horrivel. O proprio amor é horrivel.

A principio, este reino era todo o universo. Todos os seres palpitavam de vida elevada e gloriosa. A vida era grande em toda a parte, como neste paiz recondito. Mas vieram os homens, e envenenaram a fonte dos milagres. O dinheiro creou o interesse, o interesse gerou o odio, o odio espalhou a miseria. Já não ha cabeças que sorriam, mas estomagos que gemem de fome.

Comtudo, para os que visitam este reino, pode ainda existir um pouco de ventura sobre a terra...

— Como? inquiri, pasmado.

— Sonhando, está visto. Tudo isto é obra do sonho, e nada mais.

Volta para a realidade, mas leva comtigo esta lição consoladora. Que vale o mais rico senhor da terra, o mais poderoso e festejado dos mortaes, para quem não é cada dia mais que uma fonte inalteravel de affazeres e de ambições? O ouro tem sido sempre a moeda da discordia e do arrependimento. Ningura foi maior do que Jesus — e Jesus era sonho e pobreza.

Judas, pae do remorso, era homem pratico. Deixa que os homens te chamem louco e te crucifiquem de ironias. Sonha!

E em face de todas as calumnias e deante de todas as perdas e amarguras, sonha ainda, sonha ainda mais!... Sonha infinitamente.. "

Não me recordo de todas as palavras que me disse aquella sombra. Adivinha-as tu, que não sei se estás dando credito a esta historia.

Historia como as outras, vá lá que a leias por desfastio: e talvez, quem sabe? dês razão ao conselho e não sorrias do narrador.

C. J.

Em Jahú a festa das margaridas foi uma floração de flôres junto a flôres mais bellas, em prol da "Casa das Crianças". "Arlequim" indiscreto, fixou estes momentos de encanto e de belleza.

A' esquerda: uma condecoração "sui generis". decorativa para um dia só. A' direita: o sol dança luzes e sombras em torno aos vultos que misturam sorrisos e sombrinhas.

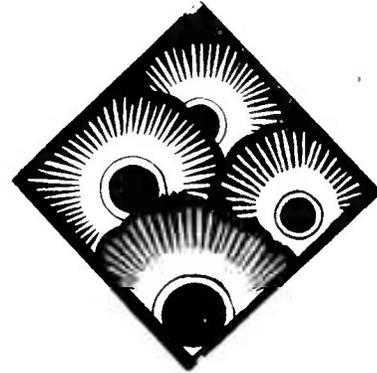
FUMO

Reclinada em meus braços,
as palpebras cerras
e a bocca aberta em flor,
vibrando de desejo,
tu me pediste :
— Dá-me uma canção de amor
que te darei um beijo

Eu preferi viver esse poema,
cheio de seiva, que era a mocidade,
cheio de aroma, que era a primavera,
cheio de inspiração . . .
Em cada verso, puz pedaços d'alma,
medi-os, um a um, pela cadencia
dos batimentos do meu coração

. . . esqueceste o poema
e eu nunca mais pude esquecer o beijo !

Rio, 1927

MARIO L. DE CASTRO

Abaixo: á sahida da egreja de Santa Cecilia este grupinho se funde em sorrisos. . .

DARWINIANA

Agita-se em mim, numa confusão de sonhos millenarios,
o milhão de vidas que vivi.

Na floração cinzenta e complicada
do meu cerebro de homem,
surgem saudades longinquas do Mar.
Lambendo, oleoso e lento, as rochas archeanas,
foi elle quem me embalou,
no meu plasma de monéra.

Eu fui o bruto ganglio nervoso
que ,entre as avencas gigantes,
dos tempos secundarios,
encheu o craneo espantado
do primeiro reptil que aprendeu a voar.

Referve no meu sangue
a turbulencia dos macacos
que pulavam, em festa, nas florestas
hoje mergulhadas,
no mundo profundo das bolsas de petroleo.

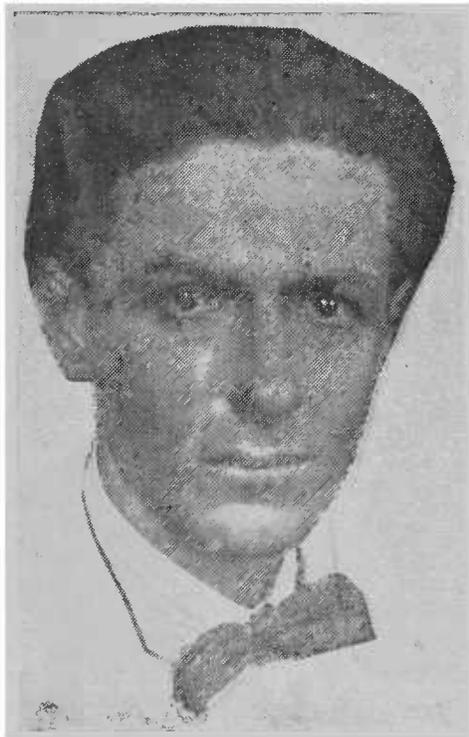
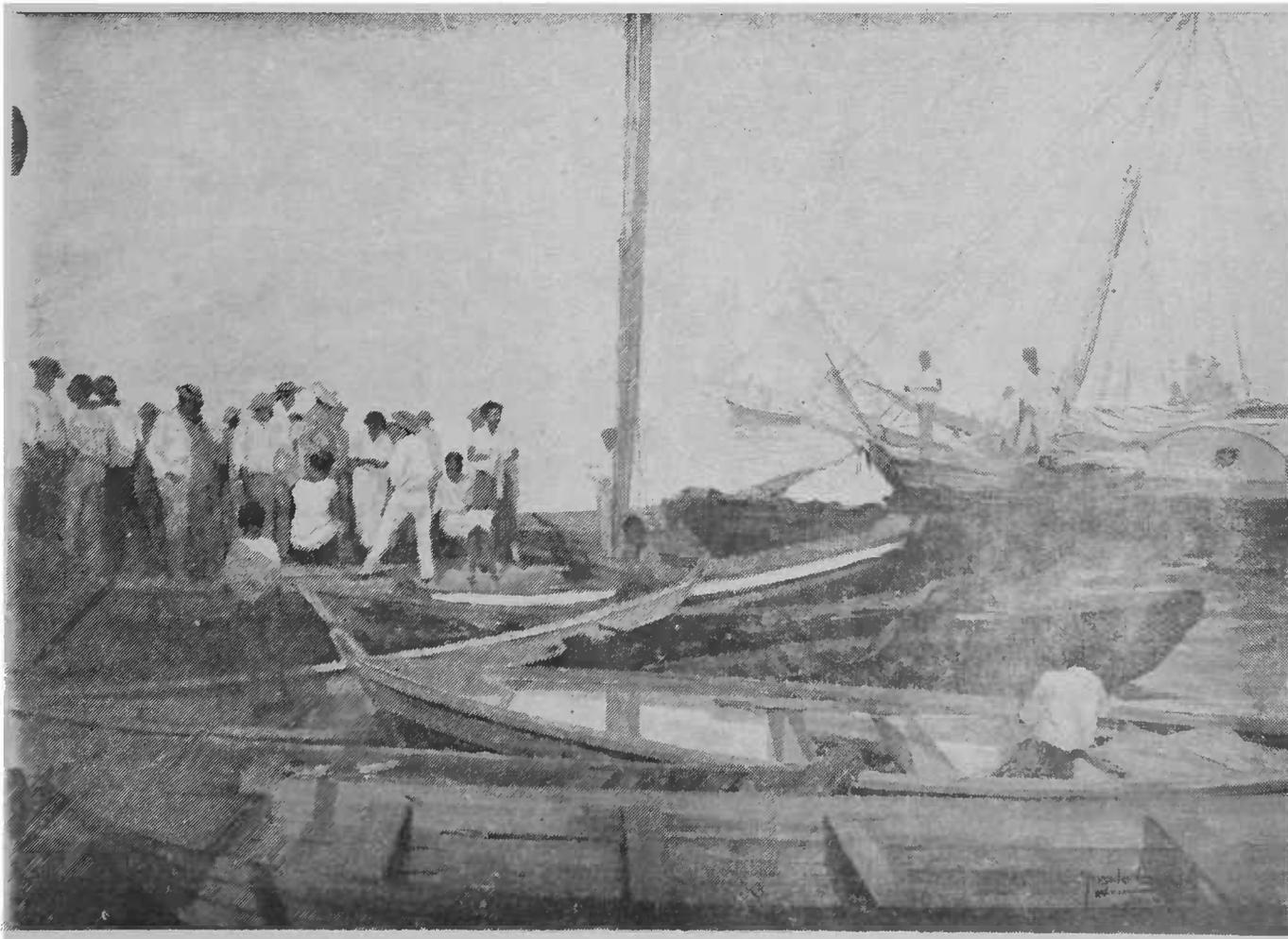
Dentro dos meus nervos se espreguiça
a pachorra modorrenta dos mammutes,
que o Diluvio gelou.

Num banhado de aguas quaternarias
enfiei meu focinho de tapir.
E na agua quebrada,
assustou-se e sumiu-se o reflexo das estrellas
debruçadas no ceu da prehistoria.

AMERICO R. NETTO

ANGELO GUIDO

O eminente pintor patricio Angelo Guido reabriu a sua exposição á rua da Quitanda, 10. Como já sabem os nossos leitores, trouxe elle uma linda collecção de scenas e pay-

sagens da vida amazonica e de outros Estados do Norte do Brasil, que apresentam uma feição typicamente brasileira e que mereceram os mais francos elogios da critica local.

"CABOCLOS", o mais expressivo quadro da collecção

ELEGANCIAS

As rendas voltaram.

De todas as novidades da moda, na ultima estação, é essa a unica verdadeiramente espiritual, si não fôr, tambem, como querem os descontentes — e, entre elles, o meu amigo mau — a unica bella.

As rendas são a graça e a alma dos vestidos. Encantam e espiritualizam a silhueta feminina. Meu amigo mau ama as rendas, mas ficou muito triste ao saber que ellas vão ser usadas pelas mulheres.

Fico sorrindo para o seu desconsolo. E elle fala :

— As rendas tem alma, minha amiga. Descobri, um dia, junto ao caes de Bruges, que el-

las carregam a alma singular que os carrilhões flamengos vasam, na tarde, do alto das suas torres. E eu as amo, minha amiga, e porque as amo sei que ellas chorarão quando forem enfeitar pequeninos palhaços tristes.

— Ninguem falou em palhaços. Ellas vão enfeitar as mulheres.

— Não ha mais mulheres, minha amiga. Depois que se inventou o "rouge", o "fard", o "rimmel", só ha pequeninos palhaços tristes. A alma das carrilhanas de Bruges e de Malines desertará das rendas. Virá morar nellas a alma dos "black-bottons". Eu perderei o meu velho amor por ellas, mas os pequeninos palhaços tristes vão ficar contentes.

Elle me diz todas essas maldades e se vae embora, depois... Que pequenino palhaço triste terá desencantado para sempre o meu amigo mau do carnaval da Vida?

Em "sachets" perfumados de ambar e iris, como mumias reaes, as rendas estavam inhumadas. A moda — fada caprichosa — as havia adormecido durante longos annos. Despertou-as agora, com o verão.

Leves e vaporosas, emprestam a sua graça tanto ás ricas "toilettes" da noite como aos vestidos da tarde.

Usaremos vestidos de renda de seda de côr, sendo que o rosa e o verde serão as côres preferidas.

A renda, genero Malines, tom natural, deverá ser muito usada, quer em pequenos babados, quer em largos entremeios presos uns aos outros. Nesses vestidos, a blusa manterá sua simplicidade habitual, terminada sempre por um cinto de camurça natural ou de côr, que será tolerado mesmo nos vestidos para a noite.

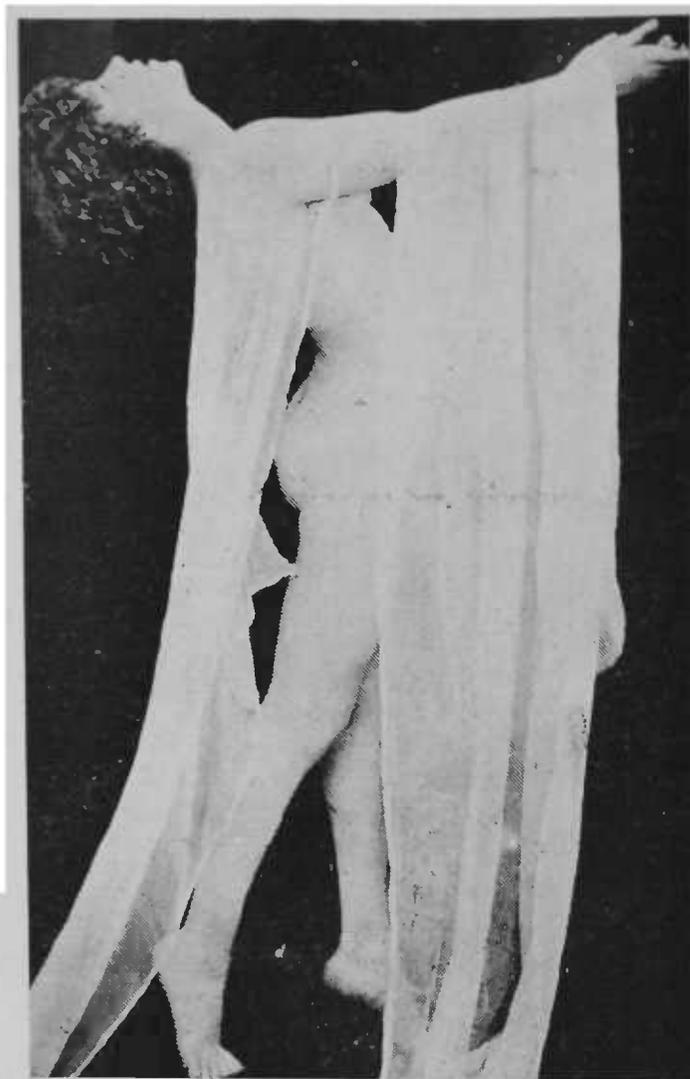
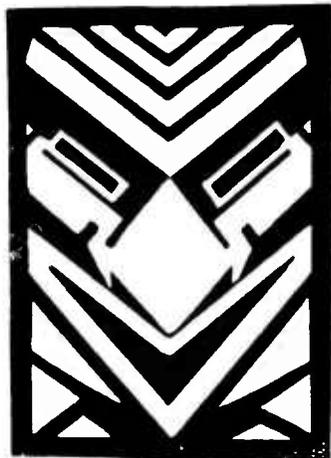
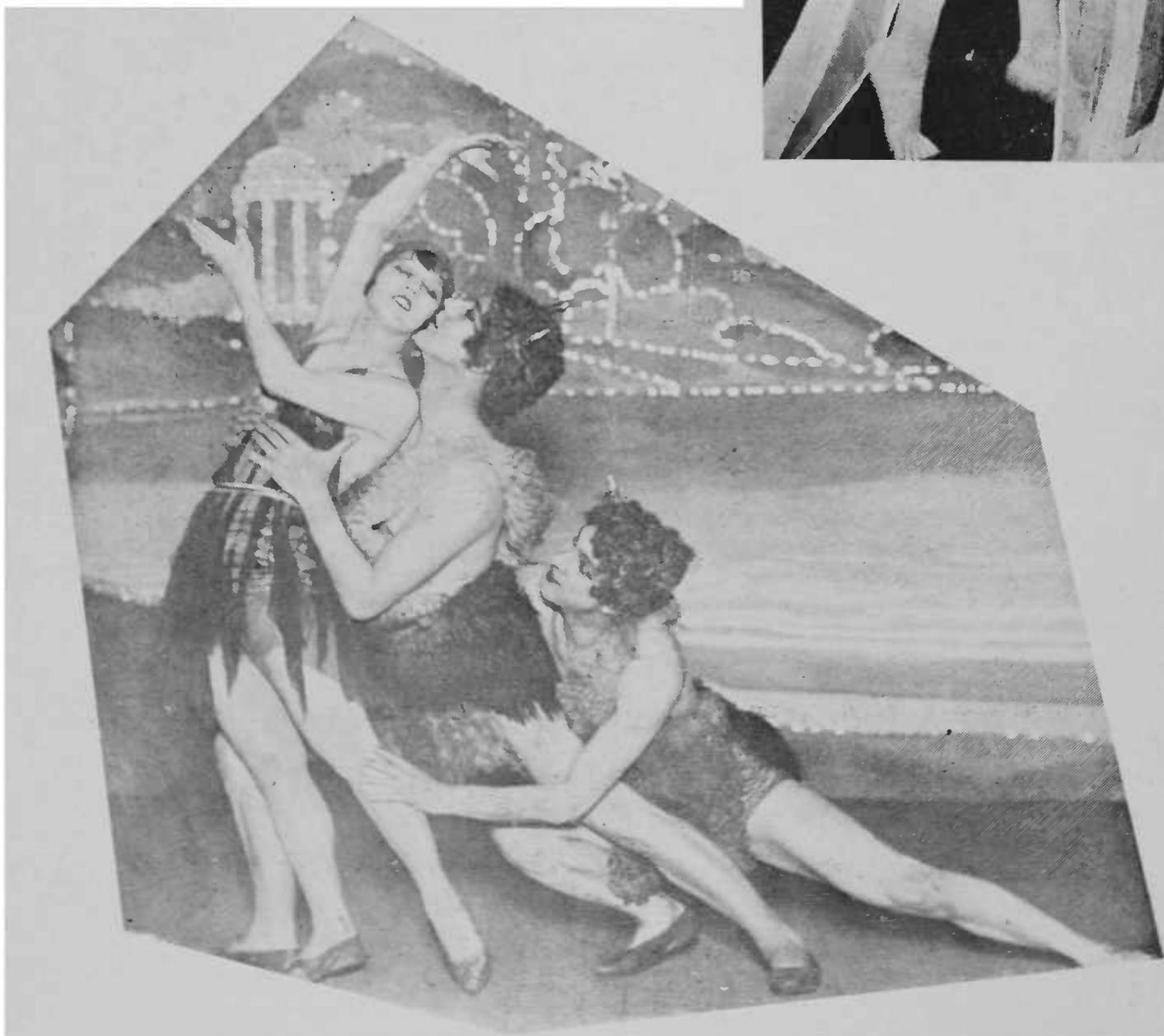
A renda presta-se, ainda, para as mais lindas e variadas combinações.

O "crepe georgette", nosso predilecto ha já bem tempo, continuará auxiliando a renda nas "toilettes" de verão.

UM NOVO BIBELOT

Delicioso capricho feminino de um grande modernismo, o estojo de jade azul atravessado por uma tira de onyx contem de um lado os deliciosos cigarros do Oriente e, do outro, as caixinhas de "rouge" e pó de arroz. Na extremidade da corrente, suspenso, o "baton" de rouge".

MARILÚ

A formosa bailarina Alice Splitzer, uma das principaes figuras da companhia Ra-ta-plan.

Um grupo de Sonnia Botgen, R. Nemanoff e L. Barreiras, do corpo de baile da companhia Ra-ta-plan.

O CANTO DE ARLEQUIM

Eu tenho nos meus olhos a alegria do champanha,
e ha no riso, que rio,
o fragor debochado de taças de crystal
que se espatifam.

Amo!

Tenho dentro do coração uma porção de faunos
que passearam outrora pela terra
inventando peccados.

Ha no meu corpo um poema de volupia :

—ranger de dentes, contracção de musculos,
rugir de feras, sibilar de raios,
bimbalhar de sinos, explosões de nervos,
vastidão de mar —

de tudo isso,
que é grande e magestoso,
nasceu o poema, que tenho no meu corpo,
e que me faz viver e que me faz cantar!

MAURICIO GOULART

EIS O HOMEM FELIZ

Tenho um amigo que não é, absolutamente, um animal; o meu amigo é um vegetal. Não sou eu quem o diz, porque elle mesmo foi quem se classificou, numa aula de historia natural. Teve sempre plena convicção de que não era um animal e tinha tambem a certeza de que não pertencia a esse reino da natureza onde dominam as pedras e as aguas; e como os reinos não vão além de tres, o meu excellente amigo concluiu que tinha de ser, forçosamente, um vegetal. E era, porque nasceu, cresce, vive, e ha de morrer um dia, sem pensar. E' verdade que o meu amigo se locomove; mas ha plantas que se locomovem tambem.

Esse meu adoravel amigo se chama João. Se eu fosse um pintor, sentiria prazer em transplantar para a tela os traços de sua figura deliciosa, que tenho guardadinhos na memoria. Conheci-o desde menino, e a lembrança mais remota que tenho delle remonta aos tempos do grupo escolar: quando o mestre lhe perguntou se já tinha ido ao Rio; João já tinha ido ao Rio; mas não vira a fortaleza de Villegaignon, porque só tinha chegado até a "vêra" dagua.

Hoje, esse admiravel ser já não é o que era; é hoje um cavalheiro respeitavel, ostentando uma proeminencia elegante e sobria no abdomen, olha a gente por traz do pince-nez e tem corrente de ouro no relogio. Cem contos no banco, casas de aluguel. Mas, quando menino, foi o fedelho mais interessante que conheci: desgrenhado, sujo, remendado, calçando sempre uma só botina, babando continuamente. Ninguem dava nada por elle, a não ser eu; mas a minha certeza se tornou completa, de que João seria uma das personalidades eminentes da Republica, desde que ouvi a sua desculpa habilissima ao mestre: não trouxera o encommendado caderno á escola, porque não encontrara troco para a nota de quatro mil reis que o pae lhe dera. Um cidadão assim, excepcionalmente estupido, não poderia, de maneira nenhuma, continuar "ninguem" a vida inteira.

Com o correr do tempo, foi augmentando a minha admiração pelo collega. Não pude conter-me, e esmaguei-o num abraço festivo e fraternal, quando elle esbandalhou um dia o cofre de nervos que era o nosso lente de portuguez, doutrinando que *"O é verbo... e não vareia"*; e quando, numa aula de francez, traduziu "Helás" por "bizorro".

Naquelles tempos saudosos, não alimentavamos — eu e meus collegas — muito pronunciada sympathia pelo professor de historia natural. Ia porisso crescendo o nosso reconhecimento pelo João, cada vez que elle attentava contra a vida do "seu" Souza — cardiaco em ultimo grau — hesitando em dizer onde ficava a frente do esqueleto que se lhe punha deante dos olhos, nos dias de chamadas; ou confundindo cerebros e intestinos, nas figuras anatomicas de massa que vinham lá do museu, para a aula.

Mas João começou a tornar-se decididamente notavel entre os collegas, desde que pôz por terra, numa lição de mathematica, o "Eureka" de Archimedes. Houve, naquelle dia, uma ebulição ali por dentro do seu craneo, e com A mais B provou que o sabio da antiguidade não era mais do que uma bellissima besta. E se um bom esculptor conseguisse moldar no gesso a attitude com que João relanceou o olhar para a classe, naquelle momento, poderia, sem medo, escrever no pedestal da estatua: "O Triumpho".

Bom João, bom, innocente, irracional. Foi geral a tristeza na escola, quando transpôz os humbraes do edificio, definitivamente, para fóra, por effeitos da jubilação. O João é um desses individuos que não se encontram por ahi aos magotes; creio até que é unico no mundo.

Jamais me sahirá da lembrança a expressão exquisita do seu rosto — mixto de susto e de alegria — quando nos veio dar, um dia, suado e vermelho da corrida, noticia da briga do lente de portuguez com o professor de desenho. Custou-lhe espressar-se: "O tar arrumô o cacete no cerebro delle; o craneo esborrifô p'ra fóra".

Hoje, o João faz a felicidade duma prima, que o estima, ama, admira, tem orgulho delle e se tornou passiva á sua vontade, que é coisa que eu nunca soube que elle tinha. E se não faz a felicidade da Republica tambem, é porque não supporta a politica. Eu tambem o estimo e, mais do que tudo, o admiro. Sempre que vou á sua terra, terra cheia de collinas, chego até sua casa para levar-lhe o meu abraço e matar minhas saudades.

M. RITTER.

O SOCCORRO

— Não rebaixe, não diminua esse meu gesto, que foi um acto puro, enfeitando-o com intenções altruisticas que não teve. Não dei esmola nem me moveu o desejo do applauso publico nem a secreta e quiçá inconsciente aspiração de o encontrar registrado no catalogo popular das boas acções ou nas anthologias da benemerencia civica. Não fiz uma boa acção. Tive apenas o gesto espontaneo, quasi reflexo que ha no fundo de todos nós, quando, ao nosso lado, um companheiro que nada, é atacado pela caimbra. O accidente tolhe-lhe os movimentos. E os companheiros carregam-no para a margem. Fiz isso. Só isso. Foi o instincto de conservação que me armou o braço em defesa do ferido, como si o incidente me houvera acontecido a mim mesmo...

— Os outros, entretanto, não tiveram a mesma attitude...

— Sim, porque os outros não perceberam em tempo que o meu amigo precisava de soccorro. Isso é normal. Nós só vemos aquillo que fere immediatamente o nosso sensorio. Mas não houve merecimento no meu procedimento. Foi o espirito gregario de defesa organica, commum e latente em todos nós que o dictou. E si o senhor, num requinte de gentileza mal entendida, o alinda com a intenção de minha generosidade, tira do gesto a unica belleza que elle tem: o de ter sido espontaneo e sem segundas intenções.

— Mas... e a vida que me salva?

— Teria eu consciencia nitida disso quando fui em seu soccorro? Por certo que não. Foi só o instincto de conservação que me deu forças e me alentou o impeto. E si o senhor insiste em acreditar que minha intenção foi salval-o com o fito determinado do altruismo, do desinteresse, perdoe, mas está me transformando no individuo mais desprezivel do universo.

— Desprezivel?

— Desprezivel. Põe por cima do acto, que é puro, inconsciente, sem mescla, uma capa indesejavel: minha vaidade. A vaidade de fazel-o meu devedor, e dessa especie de dividas que se não pagam, aquellas que acorrentam os individuos, as dividas moraes. Destruiu-o, portanto. Que valor pode ter um gesto instinctivo si lhe addicciona a reflexão e o calculo?

S.

O CONTO DE ARLEQUIM

Um Padre-Nosso

Entre as varias familias que povoam, pacifica e abundantemente, as terras de Minas, nenhuma é tão numerosa como a familia Jesus. A ella pertencem todas as mulheres sem pae, sem irmão, sem marido e... sem cunhado. Nenhum parente masculino se encontra nessa familia sem genealogia e sem historia. Cada mulher Jesus vive a mesma vida : de nênê, de cuca, de boba e de mulher velha, cansada de partos e trabalhos...

D. Anna Maria de Jesus pertenceu á essa familia espuria, mas não se cansou por filhos nem labuta. Envelheceu sadia e resignada, amando em pessoa tres filhos despersebidos dos homens e, em memoria, um marido só percebido por ella. A's filhas, acarinhou com vestidos, chás e conselhos e venerou a memoria do seu defunto, na chacara, nas hortaliças e nas gallinhas que elle não poude levar deste mundo.

A imaginação de D. Anna Maria de Jesus exigiu muito pouco de sua alma e o seu coração se contentou com o amor da familia e das plantas.

Pobres moças, as tres filhas ! Nunca pouparam esforços para agradar á boa Mãe e aos maus homens ; jamais faltaram aos trabalhos da casa e a todas as festas, salvo as do hymeneu — por falta de convite... Quando lhes começou o desengano, começaram tambem as entrigas domesticas que transbordaram para o quarteirão e ameaçavam a Villa. O feio sorriso do despeito levou-as, assanhadamente, áquella situação em que até os mocinhos servem. Todavia, a ingenuidade benigna dos homens evitou, em tempo, que se agatanhassem : o Edesio casou-se com uma dellas... Mas não foi o Edesio sacristão, foi outro — um rapaz do Paraná, magro e typographo.

Este Edesio ajustou perfeitamente na vida das quatro mulheres e, como eram do mesmo caracter e do mesmo corpo, formavam, por fim, uma composição bem justificada e passaram á bolandeira da vida, onde tiraram a prova para uma existencia sem pasteis...

Manda o decoro que se diga que as cunhadas, como todas as solteironas, occupavam na composição domestica o logar dos quadratins...

Pois o Edesio se fez genro, marido e cunhado das boas mulheres Jesus, mas não conseguiu ser pae de ninguem ! Deixou os typos e o rolo, limpou para sempre dos unhas a tremenda tinta de impressão e se dedicou, magro e colado, á prosperidade modesta e tranquilla da familia adulta. No entanto, era um rapaz carrancudo, feio e sentencioso como um artigo de fundo. As suas sombrancelhas circumflexas, punham-lhe dois accentos graves nos olhos ameaçadores e oas narinas, muito redondinhas e negras, pareciam dois pontos, annunciando a sentença ou a tolice que a bocca ia proferir. Era bom, apesar disso, bom e cuidadoso — principalmente em coisas de dinheiro. Quando as mulheres arrepiavam o pescoço, umas ás outras, elle era sempre o Jacami do terreiro.

Depois do arranjo matrimonial, as moças solteiras continuaram feias mas resignadas ; a casada engordou e D. Anna Maria de Jesus, sympathica e recatada, poude assim, de alma e coração entregar-se ao culto de seu defunto. Symbolisou-o no trato ás gallinhas e na manutenção da chacara sem hypothecas, com os seus fechos rectificados e as suas arvores se enfolhando annualmente, na frescura de uma terra limpa de pedras e humida de seiva.

Para D. Anna Maria de Jesus, essa terra que lhe comeu o marido — talvez arrependida da sua antropophagia — foi de uma generosidade sem limites : restituia-o á boa velha, em hostaliças viçosas, em flores, em fructas doces. Nos figos, principalmente — assucarados, tenros e duma maciez de creme... Quem dirá que os figos sejam um aleijão, porque são o filho incestuoso da flor e do fructo?... Os figos que, de manhã, cuidadosamente encandilados pelo sereno do pomar, inchiam-lhe a bocca de doçuras soberbas e a alma de saudades tristes!... No pecego branco, de caroço vermelho-acido e succulento ; no araçá inchado ; na jaboticada fugaz, envernizada de preto, e nos fructos todos que amadureciam no seu pomar sem brocas nem formigas... Na alface verde dos seus canterios ; no repolho truculento ; da disparidade do tomate enorme, nascendo dum caule aquoso e molengo ; na hypertrophia dos couves, cravejados de brilhantes d'agua... E nas hervas todas do seu vergel, e nas flores todas do seu jardim, a terra bemfaseja, floria, fructificava e hervecia na restituição do seu defunto...

D. Anna Maria de Jesus varria, á tarde, as ruas do seu quintal ; regava os seus canteiros e se punha a ver e a sonhar, enlevada na frescura da terra molhada e no tremor das folhas aljofradas... Porque os vegetaes, que nos falam a todos os sentidos, se esqueceram do

ouvido? Porque o silencio das flores — se vivem e amam porque não hão de cantar? Porque esse silencio que só os ventos perturbam?... As plantas só serão inteiramente comprehendidas, pelos surdos.

Porisso Anna Maria ficava surda aos rumores da tarde para comprehender as plantas e se extasiava, no contacto dellas, para esquecer a dor...

Pois essa D. Anna Maria de Jesus, apesar dos bons ares do seu pomar; do resguardo da vida socegada e do repouso tranquillo das suas noites — cahiu com uma pneumonia! O que foi a pontada, o que foi a febre e o que foi a tosse, só poderão disel-o tres semanas de temores e vigilias. Só poderão contal-o, o silencio amedrontado das mulheres e a solicitude do Edesio. Eu, de minha parte, á falta de auscultações e outros aparatos de technica diplomada, lhe amparei o coração, na esperança de que Deus amparasse o peito... Durante tres semanas o coração se manteve, decidido e valente, emquanto subiam aos céos as supplicas das mulheres e o Edesio applicava sinapismos e ventosas.

Assim, D. Anna Maria entrou a convalescer. Foi uma alegria na casa; alegria carinhosa, mansa, quasi infantil, porque nascia do bem estar de um corpo que ia começar a viver de novo... Dispensaram-me nesse momento de felicidade, de certo porque eu fasia lembrar a pontada, a febre e a tosse, mas não dispensaram o meu regime — comida, janella aberta para o sol e repouso...

Hontem, de manhã muito cedo, o Edesio me veio chamar em estylo de noticia: D. Anna Maria de Jesus, embora em franca convalescença, reclamava, á sua cabeceira, os meus cuidados medicos. Fui vel-a: encontrei-a vestida, penteada, envolta num grande chale cinzento.

— Seu Modesto, estou boa — durmo bem, como melhor e não tenho mais tosse. Agora, quero sahir um pouco, para ver a minha horta, as minhas flores e as minhas arvores... Para tomar ares — a manhã está tão limpa! Mas não quero sahir sozinha, peço-lhe que me acompanhe para me acudir se eu tiver alguma coisa...

Pela primeira vez, na vida, não desconfiei da confiança alheia... Realmente estava uma manhã explendida! Tudo era luz, azul e verde, verde e cantifas de passaros e gallos. O sol obliquo ainda, alongava os sombras e não quebrava a monotonia magestosa dum ceo limpido e longinquo!

D. Anna Maria, com passos indecizos, seguia vagarosamente a meu lado. Atravessámos o jardim em flor, a horta em hervas, pelas ruas cuidadosamente varridas por uma vassoura carinhosa. Quando chegámos ao centro do pomar, a luz cahiu immensa sobre nós, e vimos então, num encantado painel matinal — todas as flores, todas as arvores e todas as hervas!

O gallo, nesse momento, voou para cima do muro, bateu as azas, extendeu o pescoço e eu disse:

— D. Anna Maria de Jesus, quando a gente vê uma manhã como esta, envolvendo numa bençam de luz a vida silenciosa e encantada da terra; ouvindo aquelle gallo, vendo essas flores e esses fructos todos — não se tem vontade de cahir de joelhos e agradecer a Deus, essa fartura, esse encantamento, esse presente divino?...

E Anna Maria, tremula, pallida, na humildade da convalescença — cahiu de joelhos e, de mãos postas, clamou para terra fecunda, para as planta silenciosas, para a luz e para a vida:

— Padre nosso que estaes no céo, santificado seja o vosso nome, venha a nós o vosso reino..

A. DE QUEIROZ

A FELICIDADE

. . . .

Mas que grillo impossivel! Zine a meu lado, enchendo a calma dormente desta minha noite de insomnia com taes trilos agudos que me doem os ouvidos.

Foi ha pouco: começou num chichio quasi timido, como a experimentar o silencio. Parou. Augmentou-o depois. Fez nova pausa, a modos de quem escuta ou como a certificar-se da boa afinação de suas notas, e romper, então, no mais cortante, no mais estridulo cricrilo.

Tento supportal-o, habituando-me á monotonia de sua toada, mas é tão forte o zizio, é tão exasperante o rechino que parece que todo o quarto, o proprio ar, a propria treva zine. Lancina-me os ouvidos. E' demais.

. . . .

Matei-o. Eil-o alli, desfeito e disforme, estraçalhado pelo meu pé brutal. Contemplo-lhe, um instante, alliviado, os pobres membros dispersos, as saltadeiras longe do corpo, e ao lembrar-me de que aquella minuscula e fragil massa de carne, ainda ha um minuto, retinia no meu quarto com a violencia de um toque de clarim, uma idéa me assalta: "Dizem que os grillos trazem à felicidade. Matando-o, acabo de destruir a minha. Perpassa, então, a sombra de uma duvida no meu cerebro:

Mas será assim uma cousa tão exasperante, tão irritantemente aggressiva a Felicidade?

S

O ESPELHO PORTATIL não é, para a mulher, como á primeira vista parece, um excitador da vaidade ou um companheiro amavel e lisongeiro que a vae, de tempos a tempos, convencendo de sua propria e soberana belleza.

E', ao contrario, um fiscal severo, rigido, rigoroso, que as damas carregam comsigo, sem azedume, é certo, mas tambem sem orgulho. O que ha no espeho é a vigilancia permanente e continua da linha de elegancia. E' o fraco das mulheres. Como são incapazes de andar na vida sem o confessor, que é o seu director espiritual, tambem não sabem andar na rua sem esse outro guia serviçal e solicito que lhes vae mostrando, hora a hora, os erros e as imperfeições do bom tom.

Pergunta

Homem! olhas o ceo? fazel-o em vão!
Nunca lerás nas estrellas nada escripto
nunca... Oh, palavras: nada... nunca. não...
Que vale olhar do chão para o infinito
de um ceo que está olhando para o chão?!

Resposta

Homem! Tu ha milenios tens cuspido
para o ar! Tu, sob o ceo tens affirmado
não haver deus num ceo! Mas tens tentado
escalal-o? Oh! o que tu tens é sido
um grande desgraçado!
Esse ceo contra que tu tens mentido,
que houveras, a podel-o, apedrejado,
está ao teu olhar escancarado
tão longe que jamais foi attingido,
tão perto que não pode ser negado!...

ATTILIO MILANO

Momento materno

Tengo sed, madre mia. Estoy cansada.
Me hace falta beber en la cisterna
de tu blanda mirada.
La vida es breve y la inquietud eterna
en las almas sonámbulas.
El viento
de negra tempestad me ha sorprendido
en el camino, madre. Y de tu acento
llega hasta mi el mensaje commovido!

AIDA MORENO LAGOS

O PRESIDENTE DA REPUBLICA

Conto de André Kozma de Leveld

Traducção de Edmundo Barreto

Um meu amigo, que tem muito dinheiro e pouco que fazer, disse-me um dia, na rua :

— Sabes que fui nomeado consul?

— C'os diabos? Apezar de já não existir Caligula?

— Ahi está uma prova de que fiz bem em acceitar a nomeação. Não ha quem, á minha participação, deixe de fazer a sua piada.

— E de que paiz és consul?

— Espera... Caray! Como é mesmo? O tal paiz tem um nome muito exquisito. Mas, já te digo. O nome está no meu cartão de visitas. Aqui está : consul da Republica de Guayaquilia... Sim, esse ahi sou eu.

— Ah! E' uma republica? Então não vale nada.

— Prohibo-te de insultar o regimen republicano. Ao menos, não o faças na minha presença, porque offendes, desde hontem, as minhas mais intimas convicções.

— E onde fica essa republica chamada Guayaquilia?

— Longe, muito longe, meu caro. Imagina uma porção de oceanos, de ondas, de longitudes e de meridianos. Fica um pouco á esquerda de tudo isso.

— E por intermedio de quem foste nomeado?

— Muito simplesmente, pelo caminho dos pequenos annuncios. Em Vienna ha uma sub-agencia que leu o meu annuncio e escreveu á agencia de Pariz. Esta, por sua vez, escreveu á agencia geral de Londres, e era assumpto concluido.

— Emquanto importou tudo isso?

— Uma bagatela! Tres mil francos, isto é, ha ainda a acrescentar mais oitocentos francos para o escudo e a bandeira. Mas, valeu a pena, pois elles fazem uma bonita vista na sacada de casa. Venha ver.

Era bonito com effeito. O escudo estava dividido em dois quarteis. Em um, vermelho, nadava entre estrellas de ouro um peixe de prata. O outro era dourado e no seu interior entre estrelas de prata nadava um peixe de ouro. A bandeira era cor de purpura, cheia de estrelas de ouro e prata. Não havia a menor duvida que era bastante agradavel estar-se ali á sacada entre o meu amigo o consul e a sua linda esposa, sob os raios gloriosos da Republica de Guayaquilia.

— E para que necessitas desse consulado? perguntei ao meu amigo.

— Para ser alguem. Até agora eu não eraninguem. Agora sou o consul de Guayaquilia.

— Bonito emprego!

— E commodo. Confere um titulo e uma posição, sem proporcionar trabalho nem preoccupações.

Alguns dias mais tarde, com relação a esta sua ultima affirmação, modificou-se um tanto a opinião do meu amigo.

— Escuta — disse-me ao cabo de um mez — este consulado é um emprego mais difficil do que eu pensava.

— Como?

— Não podes imaginar quantos cidadãos de Guayaquilia pullulam aqui, em Budapest.

— Serio? Pois eu nunca vi nenhum!

— Antigamente commigo succedia a mesma coisa. Mas desde que fiquei consul, sempre estou ás voltas com meia duzia, no minimo.

— E que fazes com elles?

— Que hei de fazer! Dou-lhes dinheiro, pois é coisa que elles nunca têm. Todos os artistas de circo ou de café-concerto que ficam sem contracto são cidadãos de Guayaquilia e todos vem procurar protecção sob a minha bandeira.

— E como te entendes com elles? Conheces a lingua que se fala em Guayaquilia?

— Chi! São tantas as linguas que se falam na nossa Republica, que deixam a perder de vista as que se falavam na torre de Babel. E não me é difficil comprehendel-os porque sei antecipadamente o que querem os meus protegidos : dinheiro e protecção.

De facto. Meu amigo, o consul, que costumava dar os seus passeios com ar alegre, desde que passara a exercer suas novas funcções começou a andar pelas ruas com ar sombrio. Andava sempre occupado. Ora, era com a policia, ora nos Ministerios ou com os directores de circos e cafés-concertos, sempre para intervir em favor de algum cidadão de Guayaquilia.

A consuleza tambem estava sempre occupada com a Republica de Guayaquilia. Do longinquo paiz, recebia constantemente bilhetes de loterias beneficentes, com a advertencia de que os que não fossem devolvidos dentro de 24 horas, a Cotopaxi, capital do paiz, seriam considerados como acceitos, devendo ser remettida aos organizadores a importancia correspondente. Além disso, as damas de Guayaquilia que passavam por Budapest, inundavam a senhora consuleza de trabalhos manuaes em beneficio de associações de caridade do seu paiz, trabalhos que eram de qualidade muito inferior á quantidade. Nem era de estranhar, pois as damas de Guayaquilia eram sempre rainhas do ar, artistas do trapezio e do arame, cujas sympathias pelos trabalhos manuaes são de todos conhecidas. A senhora consuleza obrigou-me tambem a comprar alguns bilhetes de loteria. De uma feita, sahiu-me um premio. Para recebel-o, entretanto, eu deveria enviar a Cotopaxi a quantia destinada a pagar as despezas do transporte e, ao cabo de um anno ou dois, talvez, me viesse parar ás mãos o objecto que

me coubera na sorte. Mas eu, magnanimamente, renunciei ao premio em favor da Universidade de Cotopaxi.

Depois de tantos incommodos e preoccupações, Guayaquilia proporcionou emfim uma alegria ao seu consul.

— Meu caro — disse-me um dia o consul, com o rosto radiante — sabes que minha casa hospeda um verdadeiro chefe de Estado?

— De verdade?

— Sim. Está entre nós e hospedou-se em minha casa o presidente da Republica de Guayaquilia.

— E' muito preto?

— Pelo contrario, é quasi branco, só que está um pouco queimado do sol. Mas posso assegurar-te que se trata de um ancião muito distincto e muito elegante. E isso verificarás hoje mesmo. Organiso uma festa em honra do meu illustre hospede.

Realmente, o presidente da Republica era um ancião vistoso e agradavel. Infelizmente só falava o hespanhol, ao passo que nós, apezar de sermos uns cincoenta, desconhceiamos completamente essa lingua. Não se vendo, assim, obrigado a conversar, o presidente da Republica achou melhor entregar-se com enthusiasmo aos prazeres da mesa. Comia muito e bebia ainda mais. Não era, portanto, de estranhar que depois da ceia estivesse de bom humor e se puzesse a andar com as mãos no chão e os pés para o ar.

Até andando de cabeça para baixo o presidente da Republica conservava a sua dignidade. Ante o assombro dos convidados, o consul poz-se a defendel-o.

— Isso nada tem de estranho. Em Guayaquilia todo o mundo anda sobre as mãos depois das refeições. E' um costume nacional. Ora, como em uma Republica todos são iguaes, o presidente é obrigado a conduzir-se como os demais cidadãos.

A explicação talvez tivesse sido satisfactoria, mas depois o presidente da Republica saltou para cima da mesa e, com grande assombro dos cavalheiros e das senhoras, fez-se admirar numa serie da magnificos saltos mortaes.

— Assim acontece nas Republicas — desculpou o consul. Qualquer cidadão pode ser eleito presidente e, segundo parece, o nosso presidente, sr. Ruiz Gomez, tenha sido acrobata. Saibam tambem que em Guayaquilia essa profissão é muito commum.

Afinal, com a ajuda dos criados, pudemos apanhal-o e conduzil-o para o quarto que lhe havia sido destinado. Alli o despimos e o deitámos. Como não queria dormir, dei-lhe cinco murros na bocca do estomago. Então dormiu. Parecia até que, com uma milagrosa clarividencia, eu advinhara a maneira de fazer dormir em Guayaquilia.

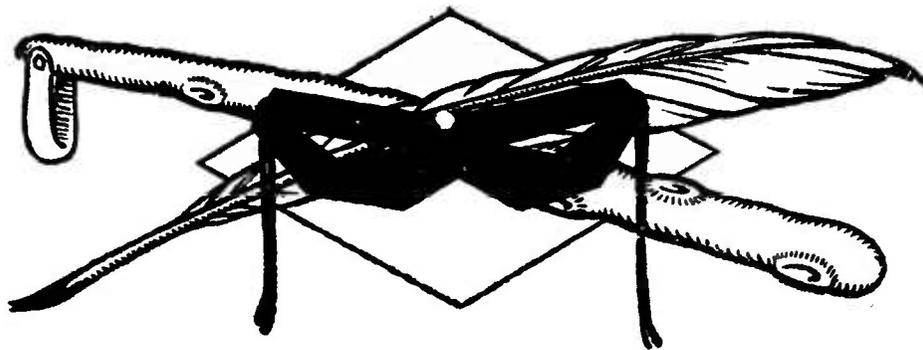
Depois desse dia, nunca mais vi o presidente nem ouvi falar delle. O consul e sua linda esposa tambem nunca mais me falaram a esse respeito e até mostravam-se enfadados quando alguem se atrevia a fazer alguma allusão ao sr. Ruiz Gomez.

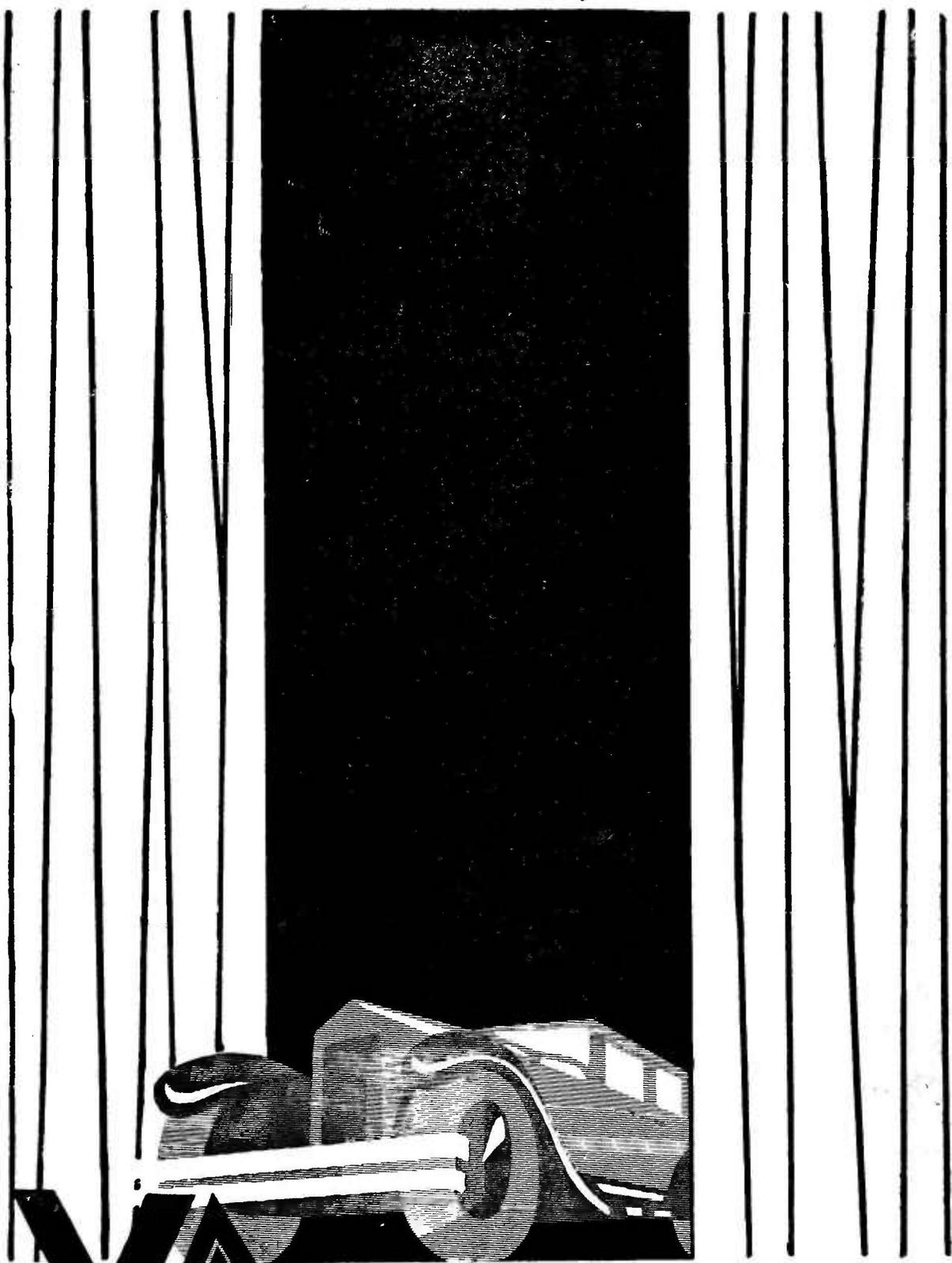
O criado, entretanto, cochichou-me ao ouvido, na ante-sala, que o presidente, tendo esbanjado o dinheiro da viagem, havia tirado o que lhe parecer a necessario da caixa particular do consul, para poder voltar para Cotopaxi. Contou-me tambem que o consul soffrera um grande desfalque nos seus charutos, pois o sr. presidente achara que não era possivel emprehender uma viagem tão longa com a quantidade de charutos que cabem num bolso.

Alguns mezes mais tarde, li a triste noticia de que em Guayaquilia havia estalado uma revolução. Os insurrectos tinham tomado a capital, Cotopaxi, e assassinado o presidente da Republica, sr. Ruiz Gomez.

Pobre Ruiz Gomez! Não andaria nunca mais com as pernas para o ar.

Uma semana mais tarde, as revistas illustradas inglezas publicavam sua photographia: "The late señor Ruiz Gomez: assassined president of the Guayaquilia Republic".

A photographia era escandalosamente má. Não se parecia absolutamente nada com o defunto presidente da Republica, que, como ja contei, eu havia conhecido pessoalmente.

Aos collaboradores de "Arlequim"

Aos seus distinctos collaboradores a direcção de "Arlequim" pede, no evidente interesse mutuo, que lhe seja enviada com o original uma copia dos trabalhos a publicar, para que se evite assim qualquer atrazo na secção de composição, visto que a copia seguirá ao mesmo tempo para a secção de illustrações, entregue á brilhante competencia de J. G. Villin.

Vª EXPOSICAO DE AUTOMOBILISMO

PROMOV. PELA

ASS. DE ESTRADAS DE RODAGEM

JG VILLIN 27

IRMÃOS FERRAZ
Rua Vergueiro, 48-A
SÃO PAULO